

Agatha Christie

O segredo de Chimneys

Título original - The secret of Chimneys  
1925

Tradução- Anna Maria Martins

Para meu sobrinho,  
como lembrança de uma inscrição  
no Castelo de Compton  
e de um dia no zoológico

— Cavalheiro Joe!

— Ora, quem havia de ser! O velho Jimmy McGrath!

Os turistas selecionados da Companhia Castle, representados por sete mulheres de aparência depressiva e três homens suarentos, observavam a cena com considerável interesse. Evidentemente, Mr. Cade encontrara um velho amigo. Todos eles admiravam muito Mr. Cade, sua figura alta, esguia, seu rosto bronzeado, a maneira despreocupada com que apaziguava as disputas e os induzia ao bom humor. E agora havia um amigo — certamente um indivíduo de aspecto curioso. Mais ou menos da mesma estatura que Mr. Cade, porém corpulento e não tão bonito. A espécie de homem sobre o qual se lê em livros, e que provavelmente manteria um *saloon*. Interessante, entretanto. Afinal de contas, é para isso que se viaja para o estrangeiro, para ver todas essas coisas pitorescas que se conhecem através dos livros. Até então tinham-se entediado em Bulawayo. O sol era insuportavelmente quente, o hotel desconfortável; e parecia não existir nenhum lugar especial aonde pudessem ir, até chegar o momento de embarcar para Matoppos. Felizmente Mr. Cade tinha sugerido cartões-postais. Havia um excelente estoque de cartões-postais.

Anthony Cade e seu amigo afastaram-se um pouco.

— Que diabo você anda fazendo com essa carga de mulheres? — perguntou McGrath. — Vai montar um harém?

— Não com esse lote — Anthony sorriu ironicamente. — Você já as olhou bem?

— Já. Pensei que você estivesse ficando com a vista fraca.

— Minha vista está tão boa quanto sempre foi. Não; isto é uma excursão selecionada da Companhia Castle. Eu sou Castle — o Castle local, quero dizer.

— Por que diabo você foi se meter num emprego desses?

— Por lamentável necessidade de dinheiro. Mas asseguro que não condiz com o meu temperamento.

Jimmy sorriu maliciosamente.

— Você nunca se deu bem num trabalho fixo, não é? Anthony ignorou a alusão.

— Há de aparecer qualquer coisa melhor em breve. Estou na expectativa — disse ele esperançoso. — Geralmente acontece.

Jimmy riu gostosamente.

— Se alguma encrenca se estiver tramando, é certo que Anthony Cade, mais cedo ou mais tarde, estará metido nela; sei disso — disse ele. — Você tem um instinto absoluto para brigas, e as sete vidas de um gato. Quando é que podemos bater um papo?

Anthony suspirou.

— Tenho que levar essas galinhas cacarejantes para ver o túmulo de Rodes.

— Pois aí é que está — disse Jimmy, aprovando. — Elas voltarão moídas de cansaço, devido às sacudidelas na estrada, e clamando por uma cama para se refazerem dos trancos. Sairemos então, e contaremos as novidades.

— Está certo. Até logo, Jimmy.

Anthony juntou-se novamente a seu rebanho. Miss Taylor, a mais jovem e mais agitada do grupo, atacou-o imediatamente.

— Mr. Cade, aquele senhor é seu amigo?

— É, Miss Taylor. Um dos amigos da minha irrepreensível juventude.

Miss Taylor deu uma risadinha.

— Achei-o muito interessante.

— Vou dizer-lhe isto.

— Oh, Mr. Cade, como o senhor é indiscreto! Que idéia! Como foi mesmo que ele o chamou?

— Cavalheiro Joe?

— Sim. Seu nome é Joe?

— Pensei que a senhorita soubesse que é Anthony, Miss Taylor.

— Oh, o senhor é impossível! — exclamou faceiramente Miss Taylor.

Anthony reassume seus deveres. Além das necessárias providências relativas à viagem, esses deveres incluíam apaziguar irritáveis cavalheiros idosos quando sua dignidade fosse ferida, propiciar às matronas amplas oportunidades para a aquisição de cartões-postais, e flertar com qualquer uma abaixo de quarenta anos. Esta última tarefa tornava-se-lhe mais fácil graças à extrema presteza com que as damas em questão interpretavam suas mais inocentes observações como expressões de carinho.

Miss Taylor voltou ao ataque.

— Então, por que ele o chama de Joe?

— Oh, precisamente porque não é este o meu nome.

— E por que Cavalheiro Joe?

— Pela mesma razão.

— Oh, Mr. Cade! — protestou Miss Taylor muito aflita. — Estou certa de que o senhor não deveria dizer isso. Ainda ontem à noite papai estava comentando os seus modos de cavalheiro.

— É muita bondade de seu pai, Miss Taylor.

— E todos nós concordamos em que o senhor é mesmo um cavalheiro.

— Sinto-me lisonjeado.

— Realmente. Estou falando sério.

— Mais valem corações do que braços — retorquiu Anthony de maneira vaga, sem noção do que pretendia dizer, e desejando ardentemente que já fosse a hora do almoço.

— Sempre achei muito belo este poema. O senhor conhece muitas poesias, Mr. Cade?

— Eu poderia recitar *O menino estava no convés em chamas*. "O menino estava no convés em chamas, quando todos, menos ele, haviam fugido." É tudo quanto sei, mas posso ilustrar esse trecho com gestos, se a senhorita quiser. "O menino estava no convés em chamas — hu-hu-hu-hu (são as chamas, entende?) — quando todos, menos ele, haviam fugido" — nesta parte eu corro para a frente e para trás, como um cachorro.

Miss Taylor riu às gargalhadas.

— Oh, olhem para Mr. Cade. Ele não é mesmo engraçado?

— Hora do chá matinal — disse Anthony bruscamente. — Venham por aqui. Há um excelente café na próxima rua.

— Presumo — disse Mrs. Caldicott com sua voz grave — que a despesa esteja incluída na excursão.

— O chá da manhã, Mrs. Caldicott — retorquiu Anthony, assumindo seus ares profissionais — é uma despesa extra.

— Lamentável.

— A vida está cheia de provações, não é? — disse Anthony alegremente.

Os olhos de Mrs. Caldicott brilharam, e ela falou com o aspecto de quem estivesse fazendo explodir uma mina:

— Suspeitei disso, e, por precaução, hoje de manhã guardei um pouco de chá numa jarra. Agora é só esquentá-lo na espiriteira. Vamos, pai.

Mr. e Mrs. Caldicott rumaram triunfalmente para o hotel, ela cheia de si, em virtude de sua bem-sucedida premonição.

— Oh, meu Deus! — murmurou Anthony. — Quanta gente pitoresca é necessária para se fazer um mundo.

Guiou o restante do grupo em direção ao café. Miss Taylor postou-se a seu lado, e recomeçou a cantilena.

— O senhor não via o seu amigo há muito tempo?

— Há uns sete anos.

— Foi na África que o senhor o conheceu?

— Sim; mas não neste lugar. A primeira vez em que vi Jimmy McGrath, ele já estava preparadinho para o caldeirão. Algumas tribos do interior são canibais, como a senhorita sabe. Chegamos exatamente na hora.

— Que aconteceu?

— Um fuzezinho muito agradável. Lançamos alguns caras no caldeirão, e o resto fugiu em desabalada corrida.

— Oh, Mr. Cade, que vida de aventuras o senhor deve ter levado!

— Muito tranqüila, asseguro-lhe. Evidentemente, a moça não acreditou nele.

Eram aproximadamente dez horas, nessa noite, quando Anthony Cade entrou na saleta onde Jimmy McGrath se entretinha manipulando diversas garrafas.

— Faça-o bem forte — implorou. — Garanto-lhe que estou bem necessitado.

— Eu diria que sim, meu velho. Não aceitaria o seu emprego por nada deste mundo.

— Mostre-me outro, e eu o deixarei imediatamente. McGrath serviu a sua própria bebida, agitou-a com prática, e preparou uma segunda dose. Falou, então, lentamente:

— Você está falando sério, meu velho?

— A respeito de quê?

— De largar esse emprego, se puder arranjar outro.

— Por quê? Não vai me dizer que você tem um emprego dando sopa? Por que não o pega para si próprio?

— Já o peguei; mas não me agrada muito. É por isso que estou tentando passá-lo para você.

Anthony tornou-se desconfiado.

— Que mal há com ele? Você não se empregou como professor numa escola dominical, não é?

— Você acha que alguém me escolheria para lecionar numa escola dominical?

— Claro que não, se bem o conheço.

— É um emprego perfeitamente bom. Não há nada de mal com ele, de maneira alguma.

— Não é na América do Sul, por um feliz acaso? Estou de olho na América do Sul. Uma revoluçãozinha está prestes a explodir numa daquelas pequenas repúblicas.

McGrath sorriu maliciosamente.

— Você sempre foi apaixonado por revoluções — qualquer coisa que se relacione com uma boa briga.

— Julgo que meu talento poderia ser apreciado lá. É como lhe digo, Jimmy, posso ser muito útil numa revolução, tanto de um lado, quanto de outro. É melhor do que ganhar a vida honestamente, dia a dia.

— Creio que já ouvi você expressar essas opiniões antes, meu velho. Não, o emprego não é na América do Sul; é na Inglaterra.

— Inglaterra? Retorno do herói a seu país de origem, após tão longos anos. Os credores não me podem importunar depois de sete anos; ou você acha que podem, Jimmy?

— Creio que não. Bem, você está disposto a ouvir mais alguma coisa a respeito do emprego?

— Estou às ordens. A única coisa que me preocupa é o motivo pelo qual você próprio não o quer.

— Já lhe digo. Estou atrás de ouro, Anthony, lá bem para o interior.

Anthony assobiou e olhou para ele.

— Você sempre esteve atrás de ouro, Jimmy, desde que o conheço. É o seu ponto fraco, seu pequeno passatempo particular. Sei que você tem seguido, como ninguém, as pistas mais arriscadas.

— E no fim, acertarei no alvo. Você verá.

— Bem, cada um tem seu fraco. O meu são brigas, o seu é ouro.

— Vou contar a história toda. Suponho que você saiba tudo a respeito da Herzoslováquia, não?

Anthony ergueu o olhar de maneira aguçada.

— Herzoslováquia? — indagou com curioso acento na voz.

— Sim. Você sabe alguma coisa a esse respeito? Houve uma pausa considerável, antes que Anthony respondesse. Falou, então, lentamente:

— Apenas o que todo mundo sabe. É um dos Estados balcânicos, não é? Rios principais, desconhecidos. Principais montanhas, também desconhecidas, embora numerosas. Capital, Ekarest. População, bandoleiros sobretudo. Passatempo, assassinar reis e fazer revoluções. Último rei, Nicolau IV, assassinado há uns sete anos. Desde então tem sido república. De um modo geral, lugar muito agradável. Você poderia ter dito antes que a Herzoslováquia fazia parte do assunto.

— Não faz, a não ser indiretamente.

No olhar de Anthony transpareceu mais mágoa do que aborrecimento.

— Você precisa tomar uma providência, James — disse ele. — Faça um curso por correspondência, ou coisa que o valha. Se você contasse uma história desse jeito no Oriente antigo, seria pendurado

pelos tornozelos e chicoteado, ou sofreria qualquer tormento igualmente desagradável.

Jimmy prosseguiu, totalmente indiferente às censuras.

— Você já ouviu falar no Conde Stylptitch?

— Agora você está dizendo coisa com coisa — disse

Anthony. — Muita gente que jamais ouviu falar na Herzoslováquia se animaria à simples menção do nome do Conde Stylptitch. O grande homem dos Bálcãs. O maior estadista dos tempos modernos. O maior vilão que não conseguiram enforcar. Tudo depende do ponto de vista do jornal que se lê. Mas, tenha a certeza disso, o Conde Stylptitch será lembrado muito tempo depois que você e eu estivermos reduzidos a poeira e cinza, James. Nos últimos vinte anos, qualquer ação ou contra-ação no Oriente Próximo teve em seu âmago o Conde Stylptitch. Foi um ditador, um patriota, um estadista— ninguém sabe exatamente o que ele foi, senão um perfeito rei da intriga. Bem, e o que tem ele a ver com o assunto?

— Ele foi primeiro-ministro da Herzoslováquia. Foi por isso que a mencionei antes.

— Você não tem o senso das proporções, Jimmy. A Herzoslováquia não tem importância alguma comparada a Stylptitch. Forneceu-lhe apenas o lugar do nascimento e um posto nas Relações Exteriores. Mas pensei que ele tivesse morrido.

— Morreu, sim. Em Paris, há uns dois meses. O que estou lhe contando aconteceu há alguns anos.

— A questão é a seguinte — disse Anthony: — *que é* que você está me contando?

Jimmy aceitou a censura e apressou-se em prosseguir.

— Foi assim: eu estava em Paris — há cerca de quatro anos, para ser preciso. Uma noite, quando perambulava sozinho por um lugar um tanto solitário, vi meia dúzia de valentões franceses batendo em um idoso cavalheiro de aparência respeitável. Detesto ver uma exibição unilateral, em vista do que imediatamente entrei na briga, e dei uma surra nos valentões. Creio que jamais tivessem apanhado com tanta violência. Derretiam-se como neve.

— Sorte sua, James — disse Anthony tranquilamente.

— Gostaria de ter visto essa luta.



— Oh, não foi nada excepcional — disse Jimmy modestamente. — Mas o velho ficou gratíssimo. Ele havia bebido um pouco, sem dúvida; estava, porém, suficientemente lúcido para anotar meu nome e endereço, e no dia seguinte veio agradecer-me. E fez a coisa em bom estilo. Descobri, então, tratar-se do Conde Stylptitch. Ele possuía uma casa ao lado do Bois.

Anthony assentiu.

— Sim, Stylptitch foi morar em Paris após o assassinato do Rei Nicolau. Queriam que ele voltasse para mais tarde tornar-se presidente; mas ele não quis. Permaneceu fiel a seus princípios monárquicos, embora se dissesse que em todas as confusões ocorridas nos Bálcãs havia dedo seu. Muito profundo, o último Conde Stylptitch.

— Nicolau IV era o homem que tinha um gosto esquisito com relação a esposas, não era? — indagou Jimmy subitamente.

— Sim — retorquiu Anthony. — E isso lhe custou caro, pobre sujeito. Ela era uma artistazinha de teatro de variedades em Paris, oriunda da sarjeta, e que não servia nem mesmo para uma aliança morganática. Mas Nicolau dedicava-lhe imensa paixão, e ela estava louca para se tornar rainha. Parece fantástico, porém conseguiram. Chamaram-na de Condessa Popoffsky, ou algo semelhante, e simularam que em suas veias corria o sangue dos Romanoff. Nicolau casou-se na catedral de Ekarest, perante alguns bispos relutantes, e ela foi coroada Rainha Varaga. Nicolau liquidou seus ministros e, julgo eu, pensou que isso era tudo; esqueceu-se, porém, de levar em consideração a ralé. O povo é muito aristocrático e reacionário na Herzoslováquia. Gosta que seus reis e rainhas sejam artigo genuíno. Houve cochichos e descontentamento, e as habituais repressões cruéis, e a rebelião final que tumultuou o palácio, assassinou o rei e a rainha, e proclamou a república. Tem permanecido república desde então, mas as coisas ainda andam bastante animadas por lá, segundo tenho ouvido dizer. Assassinaram um ou dois presidentes apenas para não perderem a prática. *Revenons à nos moutons*<sup>1</sup>. Você tinha chegado ao ponto em que o Conde Stylptitch o aclamava como seu salvador.

<sup>1</sup> "Voltemos ao nosso assunto." Em francês no original. (N. do E.)

— Sim. Bem, isso foi o fim dessa história. Voltei para a África, e não pensei mais nisso, até que há duas semanas recebi um embrulho de aspecto estranho, que me seguiu por todos os lugares, e só Deus sabe por quanto tempo. Eu tinha lido num jornal que o Conde Stylptitch havia morrido em Paris recentemente. Ora, o embrulho continha suas memórias, ou reminiscências, ou o quer que se chamem essas coisas. Junto vinha um bilhete informando-me de que, se eu entregasse o manuscrito a determinada editora, em Londres, a 13 de outubro, ou antes dessa data, os editores tinham instruções para me entregar mil libras.

— Mil libras? Você disse mil libras, Jimmy?

— Disse, meu filho. Espero em Deus que não seja um embuste. Não confie em príncipes e políticos, diz a voz do povo. Bem, a coisa é essa. Levando em conta o caminho que '1 o manuscrito percorreu para me seguir, não tenho tempo a perder. É uma pena, entretanto, porque acabei de arranjar esta viagem para o interior e estou me empenhando em ir. Jamais terei outra oportunidade tão boa.

— Você é incurável, Jimmy. Mil libras na mão valem muito mais do que um hipotético ouro.

— E supondo-se que seja um embuste? De qualquer forma, aqui estou eu de passagem comprada e malas prontas a caminho da Cidade do Cabo. E você pronto para partir.

Anthony ergueu-se e acendeu um cigarro.

—: Começo a perceber o seu jogo, James. Você vai atrás do ouro, conforme planejara, e eu apanho as mil libras para você. Quanto levo nisso?

— Que é que você acha da quarta parte?

— Duzentas e cinqüenta libras, livres de imposto de renda?

— Isso mesmo.

— Feito. E, só para você ranger os dentes, digo-lhe que teria aceito o negócio por cem libras! Digo-lhe mais, James McGrath, você não é daqueles que morrem na cama contando o dinheiro economizado.

— Então, o negócio está feito?

— Está feito, sim. Já estou nele. E reinará a confusão na excursão selecionada de Castle.

Brindaram solenemente.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

